

A PRÁTICA DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

André Luis da Silva Pereira*
Marlene Aparecida Lopes Ferreira Del Ducca**

RESUMO

O uso racional de medicamentos, segundo a Organização Mundial de Saúde, ocorre quando o paciente tem acesso ao medicamento adequado para sua condição clínica, na posologia e tempo determinado. No entanto, a realidade é diferente, acontece através da prática de uso irracional de medicamentos e automedicação. Os objetivos dessa pesquisa foram identificar os fatores que contribuem para o uso da automedicação entre universitários de enfermagem e avaliar os problemas causados pelo uso irracional de medicamentos e pela automedicação. A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica em conteúdo científico publicado na base de dados da SCIELO, BVS. O uso irracional de medicamentos e a automedicação podem gerar uma série de problemas para o paciente e para a sociedade. O uso racional de medicamentos envolve fatores complexos e multidisciplinares, sendo necessários esforços conjuntos de vários setores (pacientes, profissionais da saúde, governo, indústria, comércio, legisladores e formuladores de políticas públicas) para sua promoção.

Palavras-chave: Automedicação. Acadêmicos. Enfermagem

ABSTRACT

The rational use of medicines, according to the World Health Organization, occurs when the individual has access to appropriate medication for your medical condition, in dosage of time given. However, the reality is different, happens through the practice of irrational use of medicines and self-medication. The goals to this research were: to identify the factors that contribute to the use of self-medication among nursing college; assess the problems caused by irrational use of medicines and self-medication; The methodology used was bibliographical review in scientific content published in SCIELO, Virtual Health Library (VHL). With the completion of the research was possible to conclude that the irrational use of medicines and self-medication can generate a series of problems for the human being. The rational use of medicines involves complex and multidisciplinary factors, requiring joint efforts of various sectors, including health professionals and academics in this area for your promotion

Keywords: Self-medication. Academics. Nursing

* Graduando em Enfermagem da Faculdade Patos de Minas (FPM). andreluis.apg.22@hotmail.com

**Mestre em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca (UNIFRAN); docente da Faculdade Patos de Minas- marlene.ducca@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

No início do século XX, as mudanças tecnológicas contribuíram para o desenvolvimento da indústria farmacêutica e para as mudanças no perfil de uso de medicamentos. Dessa forma, é inegável que a indústria farmacêutica e a inclusão de novos fármacos trouxeram uma importante melhora nos indicadores de saúde da população. No entanto, essa revolução trouxe problemas, como o uso sem moderação de medicamentos que pode trazer riscos associados à prática (ROCHA, 2014). A automedicação se transformou em uma prática comum na sociedade, no entanto, pode ocasionar doenças, interações medicamentosas e intoxicações, e outros.

A justificativa para a realização desse estudo foi o interesse pelo fato de apesar da automedicação ser uma forma comum de autocuidado, poder se tornar um fator de risco quando acontece de maneira errada, muitas vezes escondendo o verdadeiro problema, ou desenvolvendo quadros de dependência química e complicações. A escolha por saber sobre a utilização de automedicação por universitários é o fato de terem maior acesso no meio acadêmico e mesmo social. O enfermeiro seria pelo seu preparo técnico-científico uma fonte de conscientização e orientação para o uso racional de medicamentos.

No Brasil, 35% dos medicamentos são adquiridos por meio de automedicação, o que contradiz os princípios do uso racional de medicamentos. Além disso, em 2010, 27% das intoxicações e 16% dos casos de morte por intoxicação no país ocorreram por medicamentos, sendo que os hospitais consomem de 15 a 20% de seus orçamentos com as complicações causadas pelo seu mau uso (AQUINO, 2010; ROCHA, 2014).

Os principais objetivos traçados para o estudo se resumiram em: no objetivo primário conhecer sobre a prática da automedicação entre universitários de enfermagem; no secundário, foi identificar os fatores que contribuem para o uso da automedicação e também avaliar os problemas causados pelo uso irracional de medicamentos e pela automedicação.

Essa pesquisa aconteceu através de revisão bibliográfica, com abordagem descritiva e qualitativa, através da análise de conteúdos obtidos na base de dados da SCIELO, BVS, e Biblioteca da Faculdade Patos de Minas. O período de coleta

dos dados aconteceu entre os meses de fevereiro 2016 a setembro de 2017. Os descritores utilizados para a busca do conteúdo foram: automedicação; acadêmicos; enfermagem.

Inúmeros são os motivos que levam ao uso irracional de medicamentos e a automedicação, englobando desde a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, até a aquisição pelos meios digitais e fatores sócioeconômicos. Assim, a automedicação, uma ação inapropriada, se constitui num problema de saúde pública, porque apesar da prática ser comum na sociedade atual, pode trazer muitos perigos e consequências à saúde dos consumidores (CHEHUEN NETO et al., 2006).

É importante refletir sobre alternativas e estratégias que possam minimizar a ocorrência de automedicação, principalmente entre profissionais e estudantes de saúde. A reversibilidade ou minimização dessa situação poderia acontecer através de ações de educação para saúde, conscientização, orientação sobre reações adversas, interações medicamentosas, efeitos colaterais de medicamentos e o perigo de se automedicar (GAMA; SECOLI, 2017).

Dado o impacto negativo que acarreta a prática da automedicação entre estudantes da área da saúde esse é considerado um preocupante problema de saúde pública. É importante ressaltar que Enfermeiros são essenciais quanto ao uso seguro dos medicamentos, e na educação sobre os agravos, o que justifica a preocupação com estudantes dessa área.

As variáveis envolvidas no uso racional são diversificadas, demandando um esforço conjunto de pacientes, profissionais de saúde, legisladores, formuladores de políticas públicas, indústria, comércio e governo (AQUINO, 2010).

2 USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), para que haja uso consciente de fármacos é necessário estabelecer a priori a necessidade de uso desses, para depois serem prescritos os mais adequados, seguros, e com eficácia comprovada. Assim, o medicamento deve ser prescrito na fórmula farmacêutica, posologia e período de tratamento adequado, ao menor custo para o usuário (WHO, 2010).

Compreende-se como uso racional de medicamentos a indispensabilidade de sua necessidade terapêutica, sua seleção adequada, com a posologia e duração apropriada, além do acesso e da qualidade assegurados. Esta prática é preconizada pela Organização Mundial da Saúde e tem demonstrado evitar diversos problemas de saúde. Medicamentos racionalmente indicados e utilizados trazem proveitos individuais, institucionais e nacionais (GALATO et al., 2012). Dessa forma, o uso racional de medicamentos inclui: escolha terapêutica adequada; indicação apropriada; medicamento apropriado; dose, administração e duração; paciente apropriado; dispensação correta; adesão ao tratamento pelo paciente; seguimento dos efeitos desejados e de possíveis eventos adversos consequentes do tratamento.

A Política Nacional de Medicamentos – PNM (Portaria nº 3.916/98), instituída pelo Ministério da Saúde tem como diretriz a “promoção do uso consciente de medicamentos”, que tem como objetivo assegurar a necessária proteção, ação e propriedade dos medicamentos, a promoção do uso racional e o acesso da população àqueles considerados essenciais (Brasil, 2002).

O conceito utilizado pela Organização Mundial de Saúde tem no conceito do Ministério da Saúde grande semelhança, e assim se mostra:

A racionalidade é o processo que compreende a prescrição apropriada, a disponibilidade oportuna e a preços acessíveis, a dispensação em condições adequadas e o consumo nas doses indicadas, nos intervalos definidos e no período de tempo indicado de medicamentos eficazes, seguros e de qualidade. Já os medicamentos essenciais são aqueles destinados a atender às necessidades de saúde comuns e prioritárias da população (BRASIL, 2002).

Dessa forma, a ANVISA instituiu um projeto de alcance nacional, para a fiscalização da propaganda de produtos sujeitos à vigilância sanitária. Com o projeto, foram desenvolvidas parcerias com diversas instituições de ensino superior do Brasil que auxiliam a Agência nas atividades de monitoramento e fiscalização do setor (BRASIL, 2010).

3 A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação, ou uso irracional é a forma comum de autocuidado em saúde, consistindo no consumo de um produto na busca do alívio de sintomas, ou

de doenças. Essa prática é caracterizada pela ingestão de medicamentos sem a prescrição e aconselhamento de um profissional; é a ingestão de medicamentos de forma empírica, o que torna o indivíduo vulnerável a riscos, efeitos adversos e iatrogenias (MASSON et al., 2012).

A automedicação é uma forma de cuidado em saúde, podendo ser iniciada pela iniciativa de um doente ou de seu responsável, na busca do alívio de sintomas, ou de doenças. A prática na população tem sido associada a fatores tais como: sexo, idade, nível de escolaridade e renda elevada, conhecimentos sobre medicamentos e a falta de acesso ao sistema de saúde (TOMASI et al., 2007).

Como consequências graves da automedicação encontram-se a resistência bacteriana, a hipersensibilidade, a dependência física e também a psíquica, o sangramento digestivo e, ainda, o aumento do risco para determinadas neoplasias. Entre os malefícios estão à probabilidade de piora dos problemas de saúde causados por doenças infecciosas como as doenças sexualmente transmissíveis (DST), pois os indivíduos que se automedicam não recebem instrução e tratamento adequado (NOGUEIRA, 2011).

A automedicação classifica-se de duas maneiras, a automedicação responsável e a automedicação inconsciente. A automedicação responsável difere da automedicação inconsciente no sentido de que, apesar de haver utilização de medicamento não prescrito, esse ocorre através da orientação de um farmacêutico, o que favorece o uso consciente dos fármacos. É a prática pela qual os indivíduos tratam seus problemas de saúde com medicamentos aprovados e disponíveis para serem adquiridos sem prescrição, com segurança e efetividade quando utilizados. Por sua vez, a automedicação inconsciente é o uso de medicamentos sem prescrição, orientação e acompanhamento de profissional habilitado (ROCHA, 2014). Ressalta-se também o conceito de auto prescrição, que é o uso de medicamentos tarjados sem receita médica (CRF-SP, 2010).

A dificuldade de acesso dos usuários aos serviços de saúde é um dos fatores que levam a essa prática de autocuidado, uma vez que o atendimento profissional pode demorar. Os serviços de saúde são precários e somam-se ao baixo poder aquisitivo da população, contribuindo para aumentar a utilização da automedicação (TOMASI, et al, 2007).

Dessa forma, a prática medicamentosa entre universitários tem sido fator de estudos em países da América do Norte, da Europa e da Ásia. No entanto, em

países em desenvolvimento, como o Brasil, existe carência de dados úteis para a promoção de medidas eficazes no controle da automedicação e na promoção do uso consciente de medicamentos, aspectos preconizados pela Organização Mundial de Saúde (ROCHA, 2014).

Os profissionais de saúde durante o seu exercício profissional, tem comprometido muitas vezes o seu equilíbrio físico e psíquico, ocasionado pelo estresse, carga horária de trabalho excessiva, acúmulo de funções, entre outros. Diante disso, para obter o alívio ou cura dos transtornos que surgem, inúmeros profissionais de saúde recorrem, com frequência, a automedicação, o que representa uma conduta inadequada frente ao conhecimento que esses profissionais de saúde possuem quanto ao uso indiscriminado. Todavia, por se tratar de futuros profissionais da área de saúde, esperava-se que o consumo fosse menor e racionalizado. No entanto, parece que é justamente esse maior conhecimento que os predispõe ao uso de forma inadequada (BAGGIO; FORMAGGIO, 2009).

A automedicação entre profissionais de saúde está associada à presença de sinais e sintomas agudos, tais como a dor e a febre.

4 AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

A automedicação é considerada problema de ordem mundial, é necessário alertar à população, conscientizando sobre o perigo dessa prática. As instituições de ensino têm papel relevante na formação dos profissionais procurando transformá-los em orientadores de seus pacientes, criando medidas educativas e conscientizadoras quanto ao uso correto de medicamentos, para que sua assistência possa ter qualidade (MARCHI; BARBARO; MIASSO, 2013).

O processo da medicalização ou da chamada automedicação, por abranger o cotidiano do acadêmico de saúde, faz parte do seu universo, sobretudo, naqueles que estão inseridos em um curso superior como a enfermagem, contexto no qual as exigências, os níveis de estresse e a ansiedade se tornam intrínsecos (LOPES et al., 2014).

Entre os acadêmicos da área da saúde, há fatores relacionados ao ambiente e condições de trabalho e ao acesso aos medicamentos que os levam a automedicação. Acadêmicos de enfermagem com o desenvolver do curso, o

manuseio de vários tipos de medicamentos e o acesso facilitado pode ter favorecido o ato da auto prescrição e da automedicação (BAGGIO; FORMAGGIO, 2009).

Mesmo com conhecimento teórico e prático sobre o uso das substâncias no organismo, muitas vezes profissionais e acadêmicos estão apenas tentando se livrar de situações incômodas para enfrentar os estudos. A realidade de acadêmicos de enfermagem, envolvendo múltiplas jornadas, associada à complexidade do trabalho hospitalar dos que já atuam na área, torna possível considerar que esses podem enfrentar momentos de dificuldades e/ou crises, tornando o consumo de fármacos ansiolíticos como possibilidade para facilitar a condução de suas vidas (PICOLATO et al., 2010).

Dentre os estudos que investigaram o uso da automedicação entre acadêmicos de saúde, destacam-se aqueles que identificaram uma maior prevalência, entre enfermeiros, inferior apenas à prevalência identificada entre os médicos. A automedicação entre profissionais de saúde está associada à presença de sinais e sintomas agudos, tais como a dor e a febre. Estudos descrevem que pessoas com baixa atividade física apresentam maior consumo de medicamentos (CFF, 2001).

A alta prevalência identificada entre acadêmicos excessivamente comprometidos com o trabalho, que não conseguem parar de pensar no mesmo, tem reconhecida a importância do estresse do trabalho como fator de risco de adoecimento dos trabalhadores. Portanto, são necessários estudos que possam demonstrar a influência do ambiente psicossocial do trabalho sobre a utilização de medicamentos (FARIA; CUNHA, 2014).

Nas publicações de Enfermagem têm artigos sobre a utilização de benzodiazepínicos em estudantes de enfermagem e trabalhadores. Alguns estudos descrevem o uso mais frequente de automedicação entre as mulheres, o que pode ser explicado pelo fato de que as mulheres buscam mais os serviços de saúde, cuidando mais de si (MARCHI et al., 2013).

Também entre as publicações os autores mencionam que a automedicação é uma prática frequente entre os estudantes do curso de Enfermagem, assim como em universitários de outros cursos; dentre os medicamentos que predominam nessa prática, observa-se a presença de analgésicos e antiinflamatórios, o que acontece, provavelmente pelo fácil acesso.

5 CONCLUSÃO

A automedicação entre estudantes universitários, destacando-se os de Enfermagem, é um problema importante, não apenas pela sua prevalência, mas pelo uso pessoal de medicamentos que podem causar danos, além da indicação a terceiros, e pela falta de conhecimento dos riscos dessa prática. Assim, é relevante fortalecer a educação desses universitários sobre o uso racional de medicamentos. Desta maneira, estratégias como a inserção de tópicos que contemplem a discussão sobre a promoção do uso racional de medicamentos devem ser incluídos em disciplinas ao longo da graduação, despertando dessa forma, os acadêmicos sobre os limites e responsabilidades de suas ações, garantindo assim a segurança do paciente. A prevalência da automedicação, além de poder levar à reações adversas retrata também o uso irracional de medicamentos pelos estudantes, especialmente, quando considerado o papel destes futuros profissionais na segurança do paciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciências & Saúde Coletiva**, Recife, v. 15, n. 5, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n5/v15n5a27.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017

BAGGIO, M. A.; FORMAGGIO, F. M. Automedicação: desvelando o descuido de si dos profissionais de enfermagem. **Revista de enfermagem UERJ**, v. 17, n. 2, 2009. Disponível em: < <http://www.facenf.uerj.br/v17n2/v17n2a15.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de medicamentos 2001. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL, Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. **Monitoração de Propaganda**: relatório final do Projeto de Monitoração/ Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, Brasília, 2010. Disponível em: < <http://www.anvisa.gov.br/propaganda/index.htm>>. Acesso em 28 set. 2017.

CHEHUEN NETO, J. A. et al. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. **HU Revista**, Juiz de Fora, v.32, n.3, 2006. Disponível em:

<<https://hurevista.ufjf.emnuvens.com.br/hurevista/article/viewFile/18/13>>. Acesso em: 6 mai. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). Resolução nº 357, de 20 de abril de 2001: Aprova o regulamento técnico das Boas Práticas em Farmácia. Brasília, DF, **Diário Oficial da União**, 27 abr 2001. Acesso em: 6 mai. 2017

CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO (CRF-SP). **Projeto:** Farmácia Estabelecimento de Saúde – Fascículo II: Medicamentos Isentos de Prescrição. Organização Pan-Americana de Saúde - Brasília, 2010.

FARIA, L. M. O.; CUNHA, M. M. S.S. Perfil de Automedicação Entre Estudantes de Medicina. **Ciência Atual**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p.03-10, 2014.

GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n. 12, 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n12/17.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2017

GAMA, A. S. M.; SECOLI, S. R. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. **Rev Gaúcha Enferm**. 2017, v.38, n.1, ed. 65111. doi: <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>>. Acesso em: 22 ago. 2017

LOPES, W. F. L. et al. A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-PI. **Revista Interdisciplinar**, Teresina, v. 7, n. 1, p. 17-24, jan./ fev./mar., 2014.

MARCHI, K. C.; BÁRBARO, A. M. ; MIASSO, A. I.; TIRAPELLI, C. R. Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. **Rev Eletr Enf**. [Internet]. 2013 v.15, n.3. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i3.18924>>. Acesso em: 20 mai. 2017

MASSON, W. et al. Automedicação entre acadêmicos do curso de medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. **Rev Bras Pesq Saúde**. 2012. v.14, Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/RBPS/article/view/5123/3849>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

NOGUEIRA, R. M. A. **Análise da automedicação em Portugal e seus intervenientes**. Lisboa 2011. Dissertação de mestrado. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10071/4680>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

PICOLOTTO, E. et al. Prevalence and factor associated with psychoactives substances consumption for academics of Nursing of the University of Passo Fundo.

Rev. Ciên saúde colet, v.15, n. 3, 2010. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v15/n3/pdf/v15n3a15.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

ROCHA, A. L. R. **Uso Racional de Medicamentos**. 2014. 50 f. Monografia (Especialização) - Curso de Tecnologias Industriais Farmacêuticas, Instituto de Tecnologia de Fármacos - Farmanguinhos/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2014.

TOMASI, E. et al. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas - RS. **Rev Bras Epidemiol**, v. 10, n. 1, 2007.

WHO, **The rational use of drugs: report of the conference of experts**. Geneva: 2010.